

Lembranças de leitura em família

Marluce Lopes¹

Family reading reminders

34



Resumo

Este texto é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo investigar as práticas de leitura desenvolvidas por mulheres de gerações diferentes, pertencentes à mesma família. Trata-se de uma pesquisa documental que tem uma abordagem autobiográfica, considerando a leitura como uma prática social, constituída historicamente. As fontes utilizadas são narrativas tomadas a partir de entrevistas semiestruturadas, buscando verificar traços do cotidiano vivido pelas integrantes da pesquisa, considerando-as nas relações sociais, familiares e escolares. Insere-se na área de estudos sobre a História da Educação, com o respaldo teórico da História Cultural, utilizando a metodologia da História Oral.

Palavras-chave: História da leitura. Leitura. Práticas de leitura.

Abstract

This text is the result of a research that aimed to investigate the reading practices developed by women of different generations, belonging to the same family. It is a documentary research that has an autobiographical approach, considering the reading as a social practice, constituted historically. The sources used are narratives taken from semi-structured interviews, seeking to verify traces of the daily life lived by the members of the research, considering them in social, family and school relations. He is inserted in the area of studies on the History of Education, with the theoretical support of Cultural History, using Oral History methodology.

Keywords: History of reading. Reading. Reading practices.

1 Pedagoga, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Servidora pública federal, Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Atuou como Coordenadora Pedagógica do Colégio de Aplicação da UFS, exercendo, também, a função de Coordenadora de Estágios. Atualmente coordena a Divisão de Métodos e Técnicas de Ensino da Pró-Reitoria de Graduação da UFS. Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS, membro do Grupo de Pesquisas em História da Educação: "Memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas" (GEPHED), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. Atua na área da História da Educação, principalmente, nos seguintes temas: história da educação, práticas de leitura, leitura, ensino superior e cultura escolar. E-mail: marlucelopesbr@gmail.com

A leitura em suas mais diversas possibilidades – de livros, de placas sinalizadoras, de jornais, de revistas, de sinais, de obras de arte, entre tantas outras – é uma atividade do cotidiano. A todo instante pessoas são levadas a entender o seu redor, através da leitura.

Para Chartier “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro” (CHARTIER, 2002, p. 70)². Para o estudioso da leitura, ler “é uma prática que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros” (CHARTIER, 2001, p 214)³. O ato de ler, nessa perspectiva, não se restringe a uma atividade intelectual; ele está relacionado a sentidos, percepções táteis e olfativas, que possibilitam uma ligação íntima entre quem escreve um texto e aquele que dele se apropria.

As concepções de Chartier sobre a leitura colocam em evidência a capacidade do leitor de atribuir significados ao que lê, independentemente, às vezes, das intenções do autor. Nesse processo entram em jogo competências adquiridas anteriormente, individualmente ou em grupo, que ao mesclarem-se com fatores externos, estabelecem associações com imagens e lembranças e, assim, possibilitam a criatividade e a inventividade inerentes ao processo de apropriação do texto lido.

A leitura é, assim, uma prática que, a partir de competências intelectuais específicas aprendidas, possibilita uma atividade de interação entre o leitor e o texto, desencadeando a invenção de significados próprios dados, constituídos de emoções liberadas através dos sentidos postos em jogo por ele no momento em que desenvolve o ato de ler. Estão implicados nesse ato aspectos externos ao texto como lembranças de outros textos lidos, momentos evocados por essas lembranças, relações familiares e visões de mundo que são criadas no interior de um grupo no qual o leitor está inserido. Por essa razão a leitura tem um significado específico para cada um e cada um desenvolve maneiras específicas de ler. Os modos de ler estão diretamente relacionados com aspectos diversos como capas, tipo de papel e de letra, gravuras, contracapas, cores e texturas, formato, tamanho, aspectos esses que caracterizam a materialidade da leitura.

Tribos primitivas utilizavam registros escritos feitos em cascas de árvores ou em couros de animais; diversas sociedades antigas faziam uso de sinais que podiam ser “lidos” a distância: fumaça, fogo, reflexos em metal, entre outros; os incas comunicavam-se por meio de nós coloridos feitos em cordas; os polinésios construía entalhes para comunicar suas

2 CHARTIER, Roger. *Os Desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

3 CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosioque, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.



Os textos em forma de livros, tão familiares atualmente, nem sempre foram apresentados assim. A milenar história da leitura e de suas práticas mostra outros formatos que foram sendo modificados com o tempo, bem como outras possibilidades na materialidade dos textos, cada uma conformando diferentes maneiras de ler, diversas práticas de leitura. Houve um tempo em que não havia separação entre as palavras escritas, não existiam parágrafos e a leitura era uma atividade ininterrupta. Depois as palavras foram separadas em frases, as frases em parágrafos, tornando a leitura mais funcional, passando a existir uma maior diversidade de materiais que foram sendo utilizados para a prática da escrita, cada um deles levando os leitores a descobrir novas maneiras de ler.

No Egito Antigo folhas de papiro⁵ e pergaminho⁶, unidas para formar um rolo, constituíram um suporte para a leitura, mais fácil de manusear do que as pesadas e desconfortáveis tabuletas de argila utilizadas anteriormente. O rolo precisava ser desenrolado para ser lido, dificultando a comparação entre partes do texto situadas em pontos distintos, impedindo que o leitor retrocedesse na leitura.

O livro com páginas, o *códex*⁷, substituiu o rolo a partir do século II d. C., caracterizou-se como o instrumento mediador entre a leitura na Antiguidade e as formas de ler no medievo, assegurando custos menores, uma vez que os dois lados do suporte eram utilizados.

Darnton (2010)⁸ alerta para o fato de que os historiadores costumam sintetizar a história da leitura em uma oposição de binários que apresenta os contrastes: rolo e códex; impressos e manuscritos; leitura silenciosa e leitura em voz alta; leitura extensiva e leitura intensiva. No entanto, na história das maneiras de ler, das práticas de leitura, esses contrastes parecem evidenciar-se, quando se pensa em como cada um desses binários definem modos de ler que parecem ser aperfeiçoados do ponto de vista da praticidade e da funcionalidade para o leitor.

5 Planta existente nas margens dos rios da África, possuía folhas longas e fibrosas. No Antigo Egito foi muito utilizado sobrepondo-se suas folhas para serem transformadas em base para a escrita.

7 Estrutura em forma de caderno, com folhas dobradas e unidas.

8 DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

A história das práticas de leitura é uma história mediada por gestos, tempos e lugares. Aqueles que leem textos, não os leem da mesma maneira e nesse processo estão imbricados os usos dos livros ou de outras formas impressas, as diferentes formas de leitura e os variados procedimentos de interpretação. Cavallo e Chartier afirmam que

os textos podem ser lidos, e lidos de formas diferentes por leitores que não partilham as mesmas técnicas intelectuais, que não mantem uma mesma relação com o escrito, que não atribuem nem a mesma significação nem o mesmo valor a um gesto aparentemente idêntico: ler um texto (CAVALLO e CHARTIER, 1997, p.7)⁹.

A invenção do *códex* possibilitou ao leitor transportar seus textos com segurança e conforto para qualquer lugar e consultá-los facilmente, podendo, ao mesmo tempo, fazer apontamentos sempre que fosse necessário, surgindo, então uma nova forma de relacionamento entre texto e leitor. Isso acarretou uma nova materialidade, tornando possíveis ao leitor, gestos antes nem imaginados, como escrever enquanto lê, localizar no texto um determinado trecho, além de outros dispositivos característicos da nova forma de suporte, “a invenção da página, as localizações garantidas pela paginação e pela indexação” (CHARTIER, 2002, p. 106)¹⁰, possibilitando uma “relação inédita” entre leitor e o objeto lido.

A cronologia da história da leitura não tem uma linearidade sequencial precisa, mas ela é permeada de mudanças que se traduziam, invariavelmente, em alterações na relação entre o mundo do texto e o mundo do leitor. A passagem da leitura oral para uma leitura silenciosa, visual, transformou a função da palavra escrita. Inicialmente restrita aos escribas nas suas atividades monásticas, com objetivo de preservação, muitas vezes dissociada da leitura, passou para um modelo escolástico no qual o livro e a leitura tornaram-se instrumentos de atividade intelectual.

Durante a era da impressão, o crescimento da produção de livros de pequeno formato e a multiplicação de instituições voltadas para leitores (bibliotecas de empréstimo, sociedades de leitura), levou ao surgimento de novas práticas e modos de ler. A uma leitura impregnada de sacralidade restrita a um número limitado de livros que eram lidos, recitados e passados para gerações seguintes, uma leitura intensiva, sucedeu uma leitura extensiva, característica de um leitor que “consome impressos numerosos, diferentes, efêmeros; ele os lê com rapidez e avidez; submete-os

9 CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *A História da leitura no mundo ocidental*. Volume 1. São Paulo: Editora Ática, 1998.

10 CHARTIER, Roger. *Os Desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

a um olhar crítico” (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 28)¹¹. A transmissão eletrônica com o advento do computador e da *internet*, acarretou, mais uma vez, profundas mudanças no mundo da leitura, reconfigurando suas práticas e redefinindo a materialidade dos textos. Surgiu um novo tipo de leitor que pode relacionar-se de forma totalmente diferente com o livro. Agora é possível para o leitor, ler o que o autor leu.

Em substituição ao códex, a tela do computador transforma de maneira mais imperativa as relações entre aquele que lê e o que é lido. Através da *internet* a comunicação transformou-se numa atividade do cotidiano e, por meio dela, o conhecimento passou a estar *on-line*. A leitura em meios eletrônicos/digitais deixa de ser um processo de mão única e abre novas perspectivas para o leitor que, ante um monitor, lê, compara, extrai fragmentos e, além dessas ações, navega por horizontes diversos, descobrindo novos textos, rompendo com a relação antiga estabelecida entre texto e objeto.

A mudança do texto em códex para o texto digital configura uma alteração de tripla natureza: modificam-se o suporte da escrita; as técnicas de reprodução e distribuição; as maneiras de ler. Os limites impostos pela paginação do códex são agora suprimidos pelas infinitas possibilidades de uma tela luminosa que, ao se deslocar verticalmente, proporciona ligações textuais antes inimagináveis.

A materialidade dos textos é, portanto, indissociável das práticas de leitura e o aspecto físico dos livros e dos impressos em geral pode definir a atratividade ou a repulsa de um leitor pelo objeto a ser escolhido. Segundo Cunha (1995)¹², várias linguagens estão inscritas na materialidade dos livros, entre as quais a “linguagem das imagens”, a “linguagem dos títulos”, além da “linguagem das disposições tipográficas”, todas elas, em seu conjunto, estimulam a imaginação e organizam a leitura.

O relato abaixo simboliza essas linguagens que ficaram guardadas na lembrança de Marina, minha filha:

Ficaram na memória, bem nitidamente, esses dois livros: *Shandi* e o outro era um livro de titia Marli [...] na primeira vez que a gente foi pra Itaparica, eu li esse livro [...] era um livro que estava lá, na casa de titia Marli. Já procurei tanto, mas ninguém lembra do nome dele. [...] Era a história de uma menina que de repente ia morar com o avô em um lugar no campo. E ela não se dava nada bem com esse avô. Era uma relação difícil, mas no decorrer da vida deles dois eles começaram a se dar bem; e ela fazia as atividades de fazenda, tirar leite, e tinha umas ovelhas, cabras, uns bichinhos bonitinhos

11 CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. A História da leitura no mundo ocidental. Volume 1. São Paulo: Editora Ática, 1998.

12 CUNHA, Maria Teresa Santos. *Educação e sedução: normas, condutas, valores nos romances de M. Dely*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1995. 271 p.



e na minha cabeça, na capa do livro tinha uma imagem dessas ovelhas [...] a menina com uma ovelha, eu acho. Era um livro tão lindo! (Marina, 1987)¹³.

Tomei como integrantes da pesquisa mulheres de diferentes gerações, incluindo-me entre elas, adotando uma abordagem autobiográfica que se justifica através do que Chartier, no prefácio do livro de Lilian Lacerda, “*Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*”, apresenta como sendo o desejo de manter as lembranças familiares “e, assim, ter garantias contra o esquecimento, ou ainda uma experiência forte, perturbadora, que torna imperiosa a reflexão sobre si.” (LACERDA, 2003, p.21)¹⁴. Essa reflexão possibilitou, no desenvolvimento do trabalho, conhecer experiências vivenciadas em um tempo passado, que foram lembrados através de diferentes relatos de vida. A esse respeito Marie-Christine Josso afirma:

O trabalho de pesquisa a partir dos relatos de vida, ou melhor, dos relatos centrados sobre a formação, efetuados na perspectiva de evidenciar e questionar heranças, continuidades e rupturas, projetos de vida, múltiplos recursos, ligados às aprendizagens da experiência [...], esse trabalho de reflexão, a partir de uma descrição da formação de si [...] permite ter a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida (JOSSO, 2008, p.25)¹⁵.

Dentro dos contextos de vida relatados pelas integrantes dessa pesquisa, os acontecimentos considerados mais significativos e mais marcantes foram lembrados, evidenciando ações desenvolvidas na constituição de práticas de leitura. Fixar a memória familiar significa refletir sobre histórias de vida e sobre fatos que constituíram uma trajetória na qual memória e acontecimentos estão intimamente associados.

Isso é percebido nos seguintes trechos de entrevistas:

A maior parte da experiência que tive com leitura ainda na minha infância me remete muito ao ambiente familiar. Minha avó costumava ler historinhas infantis para mim de livros que serviram a várias gerações da família [...] ao ler para mim quando criança, minha avó incentivou minha curiosidade pela leitura; curiosidade, porque inicialmente, eu gostava apenas de ver as ilustrações e queria descobrir cada vez mais detalhes que passavam despercebidos nas primeiras vezes (Manuela, 1983).

13 Trechos extraídos das narrativas das integrantes da pesquisa serão finalizados com o nome real seguido do ano de nascimento.

14 LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

15 JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.



Essa afirmação de Manuela, minha filha, descortina uma prática ligada à circulação de livros na comunidade de leitoras aqui analisada: “livros que serviram a várias gerações da família”. Também minha mãe, Lisete, ao recordar os primeiros contatos com a leitura, lembra de práticas ligadas ao cotidiano da casa. Segundo ela, minha avó atendia aos anseios de pescadores analfabetos¹⁶ que queriam se familiarizar com a escrita. Essa prática despertava nela a vontade de aprender a ler, constituindo-se em um incentivo para a leitura:

Os pescadores não sabiam ler. Eles compravam livros de história, alguns aqui em Aracaju, outros lá em Maruim mesmo e levavam pra ela ler pra eles toda noite. Minha mãe sabia ler corretamente e era ela que tomava conta da bodega¹⁷. Eu tinha de quatro pra cinco anos e gostava de acompanhar o movimento das vendas. Ainda não estava na escola (Lisete, 1922).

40



O relato acima aponta para uma prática de leitura específica: ler em voz alta, ler para os outros, leitura oral. A leitura em voz alta praticada pela minha avó explicita o que Chartier (1998) define como a sua “dupla função” que se configura em “comunicar o texto aos que não o sabem decifrar, mas também cimentar as formas de sociabilidade imbricadas igualmente em símbolos de privacidade – a intimidade familiar, a convivência mundana” (CHARTIER, 1998, p. 16). Ao reunir os pescadores ávidos para “ler ouvindo”, ela estabelecia uma rede de relações sociais enquanto acolhia “leitores” que só podiam compreender os textos através da mediação da voz dela.

Os livros em brochura começaram a ser comercializados na segunda metade do século XIX, nas livrarias e por vendedores ambulantes, com baixos preços, pondo em circulação autores em evidência na crítica literária da época. Embora o Rio de Janeiro fosse a maior referência na área editorial, livros e outros impressos eram adquiridos por encomendas oriundas de várias partes do território brasileiro, passando cada vez mais a fazer parte da vida de uma parcela da população. As mulheres, que no início do século, não tinham acesso à leitura, em virtude das rígidas normas e costumes morais, vivendo confinadas ao ambiente doméstico, passaram a ser vistas, pelos editores, como um público leitor em potencial. As leituras direcionadas às mulheres começaram a circular em seções de jornais e revistas ilustradas, para ser lidas no ambiente doméstico, onde a leitura passou a ser praticada como um passatempo, uma vez que a elas era proibida a livre circulação em espaços públicos.

16 Meu avô, possuía, à época, barcos de pesca e alguns pescadores contratados para o desenvolvimento do trabalho. A prática pesqueira era uma atividade econômica muito comum no município, além das atividades ligadas ao comércio.

17 Um pequeno armazém para comercialização de secos e molhados era outra atividade econômica da família e ficava aos cuidados de minha avó.

O século XX foi pródigo em coleções de livros para “moças de boa família”, com o objetivo de divertir e informar, nas quais eram sempre evidenciados o casamento, a família e as boas maneiras, retomando os finais de contos de fadas, enaltecendo qualidades virtuosas e condutas recatadas. A *Biblioteca das Moças*¹⁸, como era intitulada a coleção de romances destinada a esse segmento, começou a circular na década de 20 e era composta por vários romances, vendidos em livrarias e bancas de jornal, em edições baratas. As histórias descritas nos romances tinham um cunho educacional no sentido de uma aprendizagem social condizente com o que era permitido à mulher. De acordo com Cunha (1995), os romances definiam as regras de comportamento e de “etiqueta para bem receber convidados; sugestões de leitura; como vestir-se adequadamente no dia-a-dia e em ocasiões especiais; como decorar *com classe* uma casa” (CUNHA, 1995, p. 241)¹⁹, consideradas condutas esperadas de mulheres recatadas e criadas dentro de códigos de moral definidores de uma cultura social dentro de uma concepção pré-definida do ser mulher.

A partir dessa década outras leituras direcionadas às mulheres foram surgindo no mercado editorial brasileiro, a exemplo das revistas femininas que, além de compostas por diversas seções de conselhos e ensinamentos de cunho culinário, conjugal, estético, farmacêutico, traziam, também histórias de amor em quadrinhos que tanto encantaram as mocinhas e senhoras: as fotonovelas.

As lembranças de leituras também podem relacioná-las a determinadas épocas e tempos passados. Para Marli, minha irmã, as leituras de fotonovelas marcaram uma determinada época:

Quando eu tinha mais ou menos 13 anos, entrando na adolescência, eu descobri as fotonovelas. A minha prima que era mais velha que eu, tinha várias revistas de fotonovelas. Desse modo eu passei das revistas infantis a me interessar por revistas de fotonovelas, principalmente Capricho. Eu ia na casa dela e lia as fotonovelas e achava maravilhoso e essas revistas depois ela dava pra mim. Então pedi a meu pai pra ele trazer também Capricho, além das revistas infantis que ele trazia. Eu até pensava que ele não fosse gostar que eu lesse esse tipo de leitura porque alguns pais e algumas mães censuravam, não gostavam que suas filhas lessem as fotonovelas. Mas os meus pais nunca me proibiram. Eu não lia uma fotonovela de uma vez só porque tinha que estudar. Então eu começava a ler e numa determinada hora eu tinha que parar pra depois continuar. Como hoje a gente faz com os livros maiores. Mas eram muito boas as fotonovelas de Capricho. Depois começaram a aparecer outras revistas que também continham fotonovelas

18 Publicada pela editora Companhia Nacional, a coleção trazia, entre outras obras, os livros de autoria de M. Delly, pseudônimo utilizado por um casal de irmãos franceses. Os romances tinham, sempre, um final feliz e incentivava, nas leitoras, o sonho do amor romântico. Para maiores informações sobre esta coleção, verificar Maria Teresa Santos Cunha (1995).

19 CUNHA, Maria Teresa Santos. *Educação e Sedução: normas, condutas, valores nos romances de M. Delly*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 1995. 271 p.



e que eram protagonizadas por artistas que faziam os atores. Naquela época não existia televisão, pelo menos aqui em Aracaju, mas eu conhecia todos os protagonistas das fotonovelas pelos nomes e ficava muito feliz quando saía uma fotonovela com determinado ator ou atriz (Marli, 1944)²⁰.

As revistas foram aceitas pela maioria das mulheres pelo seu conteúdo de romance e pela praticidade no manuseio, além dos outros temas que eram oferecidos, como regras de boa conduta, testes de autoconhecimento e propaganda de produtos para o consumo feminino que lembravam os afazeres domésticos, o lugar a ela destinado na família, seu papel de esposa e mãe, além de determinar os valores morais vigentes à época, afirmando o casamento e a maternidade como sendo os caminhos possíveis e naturais.

Eram leituras que aguçavam a sensibilidade e incentivavam a aquisição dos bens de consumo direcionados à mulher moderna pois, “ainda que o ideal da ‘mulher de prendas domésticas’ continue extremamente forte, passam a fazer parte da realidade doméstica os enlatados, os eletrodomésticos e os descartáveis” (PINSKY, 2014, p. 20)²¹.

A leitura em suas diversificadas finalidades – instrução, entretenimento, religiosas, entre outras – tem se constituído, há alguns anos, em objeto de estudo de vários pesquisadores que investigam a história do livro, a história das práticas de leitura, o mercado editorial e livreiro, os suportes do escrito, entre outros tantos aspectos. Alguns tem se debruçado sobre a história do livro e da leitura no Ocidente, outros estão imbuídos em descobrir “como” e “o quê” as pessoas liam em sociedades diversas.

Investigar práticas de leitura “implica na compreensão da tensão existente entre o poder do livro sobre o leitor e a liberdade do leitor na criação de sentidos no contato com os textos” (TEIXEIRA, 2011, p. 44)²². Implica, nesse estudo, na busca por valores intrínsecos às relações familiares, pelas concepções de leitura, sejam elas pessoais, coletivas, inerentes à escola, ou ainda, à família, entendendo as integrantes da pesquisa como partes de uma comunidade de leitores que, segundo Chartier (2001), são “aquelas comunidades interpretativas cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação” (CHARTIER, 2001, p.216)²³.

Os livros, assim como os impressos em geral, adquirem diferentes sentidos quando interpretados no interior de comunidades de leitores dis-

20 As fotonovelas eram histórias compostas de fotografias e textos, com sua origem remontando à época pós Segunda Guerra Mundial, na Itália, em virtude da dificuldade de cunho econômico na difusão do cinema. A indústria das revistas de fotonovelas expandiu-se, no Brasil, na década de 50 do século XX. Para um aprofundamento sobre o tema, ver Melo (2015).

21 PINSKY, Carla Bassenazi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

22 TEIXEIRA, Márcia Prenda. *A Mulher como leitora: memórias de professoras/Dourados*, MS (1963-1973). Universidade Federal de Dourados, MS, 2011. 166 p.

23 CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosioque, Daniel Godin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.



tintas, em tempos e lugares diferenciados. A família, comunidade de leitores da qual fazem parte as integrantes desse estudo, possuem em comum práticas da vida cotidiana marcadas pela afetividade, mas também pelos conflitos inerentes aos tempos e espaços vividos e convividos.

As integrantes dessa pesquisa se apropriam de diversas leituras e compõem uma “comunidade de leitores” (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p.38) que compartilham práticas, gostos, hábitos, habilidades e maneiras de ler que definem seus “esquemas de percepção”. No entanto, cada uma é única ao atribuir significados diversificados às suas leituras através de suas “estratégias de interpretação”. A comunidade familiar é, assim, constituída como um espaço de troca de aprendizagens e experiências, possuindo seus próprios “códigos de leitura”.

Não lembro especificamente de livros didáticos nos momentos de minha iniciação no processo de escolarização, no entanto, recorro perfeitamente do culto a símbolos e valores disseminados então, como o respeito à bandeira, o ritual do hasteamento ao som do Hino Nacional Brasileiro, a leitura do hino em dias destinados a essa atividade, constituindo, assim, a minha identidade de sujeito sociológico que, segundo Stuart Hall (2006) é “formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos [...] dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p.11)²⁴.

Nesse sentido, as lembranças de práticas de leitura desenvolvidas na escola apontam para atividades que traziam em seu ritual concepções de disciplina, atenção e obediência que transcendiam a função intelectual e definiam, também, questões de ordem e de moral. Ao exigir que os alunos acompanhassem atentamente a leitura de um colega e continuassem exatamente no ponto em que esse havia parado, sob pena de aplicação de castigos, entravam em foco a autoridade e o autoritarismo da professora, as regras de comportamento que precisavam ser seguidas, as normas de silêncio e de atenção. Além disso, o “exercício em voz alta, que servia tanto para o controle do mestre como para a imitação dos colegas” (LACERDA, 2003, p. 311)²⁵, atendia, também, à ideia da leitura como uma atividade que preparava para o domínio da voz, através da entonação cadenciada, da pontuação ritmada e da modalização adequada.

Essas regras transcenderam tempos e lugares. Ao recordar os anos em que estudou o curso primário, em Maruim, nos anos finais de 1920 e iniciais de 1930, em escola de primeiras letras, Lisete, minha mãe, lembra com muita clareza as aulas de leitura:

A professora marcava a lição de leitura pra gente estudar em casa e dar no outro dia [...] aí, no outro dia, ela ia chamando de

24 HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

25 LACERDA, Lilian. *Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

uma por uma e a gente lia. Tinha que fazer a entonação correta, fazer as pontuações [...] quem errava ou quem não sabia de onde tinha que continuar a leitura da colega, ficava em pé na porta da sala, com o livro aberto, estudando, pra dar a lição novamente, depois que todo mundo fosse embora. Quem passava e via, já sabia que aquela pessoa estava de castigo porque não tinha dado a lição direito. Eu nunca fiquei porque gostava muito de ler, estudava muito em casa e lia muito bem (Lisete, 1922).

Prática semelhante continuou sendo desenvolvida sessenta anos depois, conforme relatado por Tirzah, minha sobrinha:

[...] mas o que me marcou mais foram as aulas de leitura no quarto período do primário, com o livro *A História sagrada*, quando aguardava ansiosamente o meu nome ser chamado e eu teria que continuar de onde o último aluno tinha encerrado, com medo de me distrair e não saber exatamente de onde continuar (Tirzah, 1983).

Por Marina, minha filha:

A prática da leitura na sala de aula era assim: O livro de leitura era *A História Sagrada*. [...] tinha sido de Tirzah e dela passou pra mim. Era um livro pequeno, grossinho, a capa era azul com amarelo. Tinha o céu com o deserto embaixo, com as pirâmides de Gizé. A professora marcava as páginas: de tal página até tal página; era a lição de leitura do outro dia. A gente lia em casa, pra ir treinando e no outro dia tinha a leitura na sala. Todo mundo tinha o seu livro e ia acompanhando. A professora ia chamando, alguém começava e todo mundo tinha que acompanhar [...] quando ela chamasse, se não soubesse onde estava a leitura: ZERO!. Tinha que prestar atenção pra quando fosse chamado, dar continuidade à leitura (Marina, 1987).

E por Manuela, minha filha:

Enquanto acompanhava a leitura que era feita em voz alta por um colega, esperando ser chamada a qualquer momento para dar continuidade, o medo de um zero e de receber uma bronca pública causava um frio na barriga, as mãos suavam e o estado de tensão era total (Manuela, 1983).

Existiram, por outro lado, as leituras que ficaram marcadas de forma prazerosa, entre as que eram solicitadas pela escola. Para Manuela uma dessas leituras foi *A Ilha perdida*, da Série Vagalume²⁶. Ela afirma “tem dias que visualizo bem algumas cenas na minha cabeça, até hoje”. Os aspectos que dão forma aos textos, especialmente aos livros como cor, textura,

26 A obra de literatura infantil escrita por Maria José Dupré, *A Ilha perdida*, foi publicada em 1944 pela Editora Brasiliense. A partir de 1970 a Editora Ática passou a publicar a Série Vagalume, contendo diversos títulos dirigidos a um público infanto-juvenil, adotados em grande parte das escolas a partir de então. *A ilha perdida* foi incluída nessa série.



formato, entre outros, participam de forma significativa na relação que se estabelece entre o livro e o leitor, possibilitando múltiplas interpretações.

De acordo com Fischer (2011) “a lembrança depende dos significados que o narrador atribui às suas reminiscências” (FISCHER, 2011, p. 22). Os aspectos lembrados tiveram uma considerável importância para a vida de todas as integrantes desse estudo. Incluindo-me como integrante, foi possível trazer à reflexão, aspectos fundamentais na busca da compreensão acerca de relações familiares, sociais e culturais envolvendo práticas desenvolvidas em espaços de convivência pessoal e de escolarização.

Considerações finais

Procurei compreender em que medida as práticas familiares contribuíram para a existência de um ambiente favorável à constituição de práticas de leitura. Todas as narrativas apontaram na direção da existência de elementos incentivadores da leitura em momentos anteriores à escolarização, com leituras desenvolvidas no ambiente familiar que, sempre prazerosas, foram relacionadas à “afetividade”, romance”, “alegria”, “cumplimento” e “amizade”.

As lembranças de leituras ligadas ao ambiente escolar, foram, na maioria dos casos, carregadas de sentimentos negativos como “obrigatoriedade”, “ansiedade”, “medo”, marcadas pela continuidade de atividades sem sentido que serviram para acentuar o aspecto autoritário da instituição escolar, não contribuindo para estimular o prazer pela leitura, demonstrando que a escola, ao tratar a leitura como uma prática obrigatória e mecânica, fomenta sentimentos negativos como medo, ansiedade e rejeição, transformando o ato de ler em uma atitude chata e sem sentido.

A análise de práticas de leitura contemporâneas realizada nesse estudo permitiu o esclarecimento acerca da nem sempre pacífica relação passado/presente, mediada pela memória, fazendo entender que a memória é construída no presente, tomando como referência o passado que foi vivenciado, e agora se ordena considerando experiências ocorridas no período decorrido entre o momento vivido e o momento em que lembra.

As trajetórias de leitura contidas nas narrativas permitiram perceber como o ato de ler constituiu-se em um importante meio de socialização de costumes, demonstrando, também, as formas de aquisição e de circulação de impressos variados no contexto familiar, através de estratégias como compras, assinaturas, empréstimos e trocas. Além disso, foram revelados os modos de ler, de acordo com a singularidade de cada uma, evidenciando diversos tipos de leitura praticados tanto em tempos passados, como na atualidade. Leitura para fins profissionais (livros técnicos definidos pela profissão), leituras de entretenimento, por fruição (romances, revistas, *best-sellers*), leituras litúrgi-



cas (religiosos, místicos, de autoajuda), leituras casuais (em salas de espera, aviões), foram modos de ler relatados durante as entrevistas. Foram reveladas, também, leituras intensiva e extensiva: existem leitoras que fazem releituras reiteradamente, como existem as que buscam sempre novos textos para leitura de novas obras.

Assumo pensar, conforme Artières (1998), que essa investigação se constituiu em um “arquivamento” da trajetória de vida de alguns membros da minha família, inclusive a minha e que, nesse sentido, escolhi alguns aspectos dessas vidas. Segundo o autor,

numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

46



O estímulo à leitura na minha família, teve, na figura de minha mãe, o elemento incentivador que se multiplicou durante décadas e entre diferentes gerações. Com cada um dos filhos ela agiu procurando incentivar o gosto pela leitura: lia para todos, comprava livros infantis e cartilhas, ensinava as letras e os números, porque acreditava que todos já deveriam ir para a escola sabendo ler e escrever, de maneira que guarda semelhanças com a forma de agir da minha avó, anos antes, demonstrando que, para essa comunidade de leitoras, as práticas familiares foram determinantes na constituição de mulheres leitoras. Concluo, assim, que o desenvolvimento de atividades ligadas à leitura no ambiente familiar, foram fundamentais para a constituição de práticas de leitura das mulheres envolvidas nessa pesquisa, bem como para a formação de cada uma.

No decorrer da investigação ficou evidente que a relação das leitoras, inclusive a minha, com os textos lidos, sejam revistas, livros, jornais ou outros impressos, é indissociável dos aspectos físicos dados por características próprias como cores, texturas e formatos que constituem a materialidade da leitura e definem a prática “encarnada em gestos”, conforme Chartier (1998)²⁷.

Alguns aspectos relacionados à leitura escolar transcenderam tempos e lugares. Normas utilizadas nas aulas de leitura vivenciadas em 1929, eram as mesmas utilizadas nas escolas nos anos de 1990. A atividade de leitura desenvolvida nas instituições escolares trazia em seu ritual concepções de disciplina, atenção e obediência que transcendiam a função intelectual e definiam, também, questões de ordem e de moral. Ao exigir que os alunos acompanhassem atentamente a leitura de um colega e continuassem exatamente no ponto em que esse havia parado, sob pena de aplicação de castigos, entravam em foco a autoridade e o autoritarismo da

27 CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

professora, as regras de comportamento que precisavam ser seguidas, as normas de silêncio e de atenção.

A materialidade dos textos circunscrita nas capas, contracapas, gravuras, ilustrações, é um aspecto da relação estabelecida entre o leitor e o livro que se mantém na lembrança, ainda que “o leitor não se garante contra o gasto do tempo” (CERTEAU, 2014, p. 48)²⁸ e esqueça o conteúdo, no todo ou em parte, “a não ser pela compra do objeto”. Nesse caso o livro, assim como seu conteúdo, permaneceu na memória de todas as entrevistadas, mesmo nos casos em que não houve a compra do objeto, tendo sido relatada por todas elas, a prática corrente de troca de livros, revistas e impressos em geral entre elas, revelando aspectos da circulação de textos na família.

Regina Zilberman (2011)²⁹, analisando a materialidade dos textos na perspectiva de Chartier, avalia que a mesma não está restrita ao componente físico, apenas, mas está circunscrita na relação entre os aspectos formais e os gêneros textuais. Por esse motivo quando um livro permanece na lembrança durante muito tempo depois de lido, além dos aspectos componentes da capa, figuras e ilustrações diversas, permanecem também, alguns fragmentos do texto ou até partes significativas dele. Isso foi evidenciado em todos os relatos das integrantes da pesquisa: capas, texturas, cores, ilustrações, formato, tamanho, entre outros aspectos da materialidade dos textos, foram elementos que marcaram a vida das mulheres investigadas, inclusive a minha, e tiveram importância fundamental na formação e na constituição de todas como leitoras.



28 CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

29 ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antonio Augusto Gomes (orgs.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.